

HUMILDES EM ALEGRIAS: UM REPENSAR SOBRE A CULTURA POPULAR EM SANTO ANTONIO DE JESUS.

Fabiane da Silva Andrade*

RESUMO: *Este trabalho se propõe a levantar questões que permitam a problematização de elementos referentes à cultura popular, tomando como foco de atenção para esta discussão um grupo de Terno de Reis, o Humildes em Alegrias, que se desenvolveu na cidade de Santo Antonio de Jesus, entre as décadas de 1960 e 1990. Para tanto buscaremos entender a formação do grupo, sua organização, bem como a inter-relação entre este festejo e celebrações típicas do catolicismo popular que remontam ao passado colonial brasileiro.*

Palavras-chave: Cultura Popular; Festa; Religiosidade

Neste trabalho faremos algumas reflexões acerca de um grupo de Ternos de Reis, o *Humildes em Alegrias*, que desenvolveu suas apresentações na cidade de Santo Antonio de Jesus entre as décadas de 1960 e 1990**, sem no entanto, esgotar as discussões referentes às manifestações desenvolvidas por este. Levantaremos questões que permitam a problematização de elementos referentes à cultura popular, proporcionando reflexões acerca das modificações que se processaram no interior do grupo em questão, tendo em vista a permanência deste durante um período de quase três décadas numa localidade em que grupos, que também representavam os festejos em homenagem aos Reis Magos, poucas vezes mantinham-se coesos e conseguiam ultrapassar mais de um ou dois anos de apresentações.

Ao nos referirmos à cultura, é sempre válido ressaltar que esta não define a sociedade, assim como a sociedade não define a cultura, pois ambas não são passíveis a limitações, sendo portadoras de múltiplos significados e múltiplas relações que se estabelecem no cotidiano, nas vivências diárias. Pensar a cultura enquanto uma característica isolada da sociedade seria não perceber o seu caráter constitutivo desta mesma sociedade; a cultura é responsável pela dinâmica social, assim como a dinâmica social possibilita mudanças em sua perspectiva. Alienante seria pensar nestes elementos de maneira separada ou mesmo fragmentada, uma vez que pensar a cultura de um povo significa pensar todo o seu modo de vida, todas as suas experiências, todas as suas descobertas e erros, a cultura enfim, é parte integrante dos valores e das práticas sociais de uma localidade.

Nossa opção de estudo caminha na perspectiva de buscar compreender como a cultura popular se manifesta enquanto espaços de convivências, experiências, invenções e tradições na cidade de Santo Antonio de Jesus, tomando como foco um festejo da religiosidade popular que remonta ao período colonial, os Ternos de Reis, que apesar de se desenvolver na Europa desde há muitos séculos, chega ao Brasil durante o período da colonização, tendo um papel catequizador que passou a ser (re)construído principalmente pelos escravos habitantes da colônia, mantendo-se a festa em muitos vilarejos e cidades do Brasil, que desenvolveram maneiras próprias de celebrar a tradicional festa de Reis.

* Aluna do curso de Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia - Campus V. fabhist@hotmail.com. Orientadora – Professora Dra. Carmélia Miranda.

** As apresentações do Humildes em Alegrias tiveram início, segundo os depoimentos, no início da década de 1960, devido a uma revelação que dona Bernarda tivera em sonho; o grupo continuou realizando as suas apresentações até o ano de 1992, quando dona Bernarda veio a falecer.

É notória a perspectiva de que quando falamos em tradição pode vir à mente de muitos indivíduos a idéia de algo estagnado, de uma permanência que se mantém, justamente por estar livre de mudanças e que tem por essência a manutenção, a sacralização de elementos e não a sua transformação. Esta idéia cai por terra ao percebermos que a tradição existe dentro de um seio social, de um grupo ou comunidade que se mantém em constante processo de mudança. Mudanças que podem ser percebidas nos modos de vestir, de morar, de conversar, desta maneira a incorporação de saberes e de transformações são transpostas para as festividades, para os modos de vida e essencialmente para manifestações características das comunidades, o que faz com que a tradição esteja em constante transformação, em processo de ressignificação contínua.

E deve ser esta a “pedra de toque” do historiador, a mudança. É através das transformações que se pode perceber o que era necessário ou não para uma determinada comunidade e para um determinado tempo, afinal as transformações estão inseridas em um contexto temporal que não pode ser esquecido ou negado, é o tempo que proporciona as mudanças sociais, assim como é o próprio tempo classificado a partir delas. Não se pode pensar em História sem atentar para a estreita relação entre tempo e dinâmica social, assim como não se pode pensar em cultura sem considerar a realidade sócio-temporal de um povo. A manutenção de uma celebração não se dá ao acaso, se determinada festa ou crença é mantida por uma comunidade, é porque existe uma intencionalidade em manter-se aquele festejo, é sinal de que a comemoração diz muito aos integrantes do grupo, mas também diz muito sobre o próprio grupo. Bosi resume esta complexa idéia da seguinte maneira: “Tudo que é necessário necessariamente retorna” (BOSI, 1992: p 47), chamando-nos a atenção para o fato de que as permanências ou reinvenções só existem porque, de alguma maneira, são necessárias à comunidade; esta necessidade não se limita a uma única maneira de necessitar, pode ser necessidade de fé, de festividade, de divertimento, de politização, ou de qualquer outro elemento significativo na vivência local, que se materializa a partir das manutenções de tradições ou de recriações destas.

Os festejos em homenagem aos *Santos Reis* passaram por diversas transformações, recebendo influências de africanos e indígenas que contribuíram com cantos, danças e interpretações para a ressignificação da festa que se manteve no Brasil numa constante dinâmica, sendo desenvolvida, na maioria das cidades e vilarejos da Bahia, representando um momento de divertimento, mas também de grande devoção cristã. Segundo a definição de Jorge Amado¹: “(o Terno de Reis) é o teatro e o balé dos pobres, a representação dos mistérios de Belém na transposição afro-baiana”, é uma representação que supera a imposição européia e se ressignifica a princípio, entre os negros escravizados e, posteriormente, entre as camadas populares da Bahia. Sendo fonte de esperança e alegria para aqueles que comemoram com música e festa a visita dos Santos Reis. Pois, este festejo não significa apenas a representação de uma passagem bíblica ou a manutenção de um costume, representa o momento através do qual um mundo novo é criado, onde as mesmas cantorias podem ser desenvolvidas pelos mais diferentes indivíduos, onde as comemorações sagradas se confundem com os festejos profanos, que não representam uma negação à adoração, mas a sua complementação. Pois, como defende Chauí: “para que algo seja isto ou aquilo e isto e aquilo é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais”² (CAHUÍ 1994: p 122). É preciso notar a dificuldade de delimitar os elementos constitutivos de uma cultura, perceber seus limites e influências, daí a defesa de Chauí de buscarmos entender a cultura a partir da teia de relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos. Bem como, notar os espaços de vivências percebendo-os enquanto espaços de

¹ Narração e texto de Jorge Amado no documentário: *Festas na Bahia de Oxalá – 1969*, inserido no documentário *Festas e Folias de Reis*.

² CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. Editora Brasiliense, 6ª edição, 1994, São Paulo. P 122

construção de cultura, enquanto território onde se estabelecem negociações e se reformulam modos de vida.

Estas reflexões me reportam ao *Humildes em Alegrias*, pois ao buscar regiões limítrofes no interior da festividade desenvolvida pelo grupo pude perceber que, assim como afirma Chauí, é impossível notá-lo como um espaço de vivências que é só “isso” ou só “aquilo”, refiro-me aos espaços de devoção e aos espaços de comemoração, afinal somos tentados continuamente a buscar os limites entre o sagrado e o profano, somos tentados a determinar onde tem fim a devoção cristã e onde começam os festejos mundanos, e nesta tentação esquecemos por vezes de perceber que o interessante e talvez o que dá singularidade à festa de Reis é justamente a inter-relação destes dois momentos em que sagrado e profano se congregam, sem que sejam negações um do outro, ao contrário, a devoção popular aos Santos Reis é tão intensa que após o momento devocional as pessoas que participavam do *Humildes em Alegrias* se reuniam para comemorar, ou melhor, para continuar a comemoração aos Santos Reis, agora não mais a partir do referencial bíblico, mas a partir da festividade e da alegria popular, tendo espaço inclusive para bebidas alcoólicas e sambas de roda.

Nesta perspectiva ainda podemos insistir nas afirmações de Chauí que defende que “ambigüidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura”³ (CHAUÍ, 1994: p 123). A ambigüidade, portanto, não pode ser notada como um aspecto negativo, ao contrário, a vida cotidiana é ambígua, as relações que se estabelecem no interior de um grupo ou na vivência cotidiana tende a ser uma relação de múltiplos significados, sendo portanto, positivamente ambíguas. Ambigüidade que se apresenta nas vivências e no catolicismo popular, apresenta-se principalmente pela diversidade de maneiras de festejar o dia de Reis, de manifestar a adoração, pois os festejos em homenagem aos Santos Reis se mantiveram, não apenas em comunidades baianas, como também em outras regiões do país com denominações e características diferenciadas. Em cada região a festa passou a ser organizada a partir dos hábitos e costumes locais, sendo influenciada pelos anseios, desejos e conseqüentemente pelo cotidiano das comunidades, o que garante a sua ressignificação e, porque não afirmar, a sua manutenção. Afinal percebemos a reformulação como elemento essencial para a permanência de um festejo, entenda-se que a palavra permanência não busca expressar continuidade ou repetição, a festa de Reis resiste nas comunidades do interior baiano graças, a meu ver, à capacidade de seus organizadores de envolver elementos tradicionais com a cultura *moderna*, contagiando os jovens, e criando características inovadoras para os seus festejos, pois:

Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada. (SANTOS, 1996: 257)

As idéias de Milton Santos, apesar de tratarem de forma genérica sobre a cultura, sem se reportar diretamente a um evento ou a uma expressão da cultura popular, me fazem lembrar as conversas informais com os participantes do *Humildes em Alegrias*, ao relatarem que certa feita colocaram um alto falante sobre um carro velho e as canções da festa passaram a ser mais facilmente acompanhada pelos integrantes do grupo. Aparentemente eles não tinham a intenção esclarecida de opor-se à cultura de massa, ou mesmo de utilizá-la em seu favor, mas acabaram

³ CHAUÍ, Mailena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. Editora Brasiliense, 6ª edição, 1994, São Paulo. P 123

por fazê-lo, pois fez-se necessário. Aqui retornamos às idéias de Bosi, a complementação das canções com a amplificação do som do alto-falante foi necessário para o grupo que inseriu este elemento em seus desfiles. A cultura popular por vezes se utiliza de elementos que não são caracteristicamente seus, no entanto esta utilização ao invés de descaracterizar a cultura popular a renova, proporcionando-lhe uma abrangência mais ampla e a participação mais ativa da localidade.

Nesta perspectiva Marilena Chauí defende que as manifestações ditas da *Cultura Popular*, são manifestações que se formaram a partir dos anseios e das vontades dos populares, apresentando-se como uma forma de *resistência* à cultura de massa doada pela elite, “as ações e representações da Cultura Popular se inserem num contexto de reformulação e de resistência à disciplina e à vigilância”. (CHAUÍ, 1994: p 33). As análises desenvolvidas por Marilena Chauí não deixam espaço para que as expressões da cultura popular sejam notadas como formas ingênuas de manifestações que buscam apenas o divertimento, apresentando o papel contestatório da cultura do povo. Afinal, os festejos populares são *recriados* continuamente, sendo direcionados e adaptados pelos anseios de seus integrantes. A experiência social transforma o indivíduo e conseqüentemente transforma a cultura deste, assim sendo: “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio” (SANTOS, 1996: p 261). A cultura não pode ser notada como um elemento estanque, ao contrário ela é fruto de tensões e de vivências, sendo alterada continuamente, podendo ser caracterizada talvez como um processo contínuo de aprendizado, de experiência que se desenvolve a partir das relações do indivíduo com o meio social.

As apropriações de festejos ou de rituais não se dão simplesmente como forma de representar ou de perpetuar uma tradição, elas se dão a partir de um desejo local que tem um cunho social. A comunidade busca manter representações que lhes digam algo de importante, que apresentem uma estreita relação com seus anseios, com seus desejos e com suas crenças. Não é ao acaso que as manifestações são criadas e, muito menos, é por força do acaso que elas são mantidas. As manifestações populares têm uma relação estreita com os modos de vida, com os espaços de construção de saberes, enfim se relacionam diretamente com o cotidiano da comunidade. Williams afirma que: “De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados.” (WILLIAMS, 1979: p 119). É interessante a perspectiva de tradição apontada por Williams, que não permite que a tradição seja notada como algo naturalizado, algo que simplesmente se manteve no seio de um grupo social, ao contrário, o autor chama a nossa atenção para percebermos a intencionalidade da tradição, que se mantém por que de alguma maneira tem uma importância econômica, social, política, de divertimentos, ou de qualquer outro sentido para um grupo e que se mantém neste grupo justamente por conta desta importância, não podendo ser percebida como simplesmente uma permanência por conta de uma repetição.

As afirmativas de Williams me reportam às conversas que mantive com alguns integrantes do *Humildes em Alegrias*, que moram no bairro do Andaiá* e que, ao serem questionados sobre a festa, afirmam que ela foi fruto de um desejo pessoal de Dona Bernarda**, destacando um elemento que em muito me atrai a atenção, a existência de um rei e uma rainha, que não necessariamente seria a representação dos Reis Magos, mas seriam os reis da festa, ou

* Bairro humilde da cidade de Santo Antonio de Jesus, onde se desenvolveram os festejos de Reis entre as décadas de 1960 e 1990.

** Organizadora do Humildes em Alegrias que afirma ter recebido em sonho uma revelação sobre a festa de Reis.

como eles próprios chamam, seriam os reis do Terno. No entanto, estes reis tinham necessariamente que ser negros, e eram sempre escolhidos por dona Bernarda, sem o conhecimento da comunidade para que a expectativa aguçasse a curiosidade dos moradores que ficavam em frente à sua residência aguardando a saída dos reis. Poderíamos acreditar talvez que estes reis serviriam simplesmente para atiçar o desejo dos moradores do bairro em assistir a saída do Terno, no entanto creio que esta afirmativa reduziria e muito a importância deste elemento, afinal até as décadas de 1980 e 1990, pouco se falava em políticas afirmativas para afrodescendentes, e muito menos se fazia em prol da defesa do negro, o que nos conduz a perceber estes reis enquanto elementos de contestação. Dar ao negro destaque e torná-lo rei, remonta a festividades africanas do período colonial, que não ocorriam naturalmente, mas que tinham um objetivo claro, se opor à eminente imposição de superioridade do branco. No *Humildes em Alegrias*, os reis negros tornaram-se elementos tradicionais no interior do grupo e, possivelmente, tinham uma estreita relação com a realidade do bairro, que na época, e ainda hoje, é eminentemente habitado por pessoas negras.

Pensar a cultura é pensar também o local em que esta se desenvolve, é perceber os espaços enquanto territórios de saber, é notar que toda construção de saberes de um povo mantém-se numa relação direta com o local em que vive. Os espaços se constituem enquanto espaços de vivências, ou seja, enquanto espaços que passam a ter “vida” a partir das práticas sociais que nele se desenvolvem. O *Humildes em Alegrias* manteve durante todo o seu período de existência o bairro do Andaiá, mais especificamente a rua da Alegria, enquanto local de seus ensaios, comemorações e como ponto de saída de seus desfiles que percorriam as ruas da cidade, passando pela rua Teodoro Dias Barreto, entrando pelo “Beco de Aloísio”, passando pela Av. Vereador João Silva e Ferreira Silva, nos primeiros anos seguiam até alcançar a praça central, onde localiza-se a igreja matriz de Santo Antonio de Jesus, local que eram feitas as apresentações do grupo que posteriormente retornava em cortejo até a rua da Alegria, no entanto os participantes do grupo retornavam muito cansados, o que impossibilitava que participassem vigorosamente das festividades que se desenvolviam num caramanchão armado em frente à casa de D. Bernarda, o que fez com que o trajeto do desfile fosse alterado, mantendo-se apenas entre o bairro do Andaiá e a “rua da Linha”. Com esta atitude a comunidade expressa que a festa não se limitava à importância da igreja matriz, o importante era o bem-estar do grupo, a mudança do itinerário afastou o *Humildes em Alegrias* do espaço central da cidade, no entanto, o manteve mais perto de si mesmo, mais perto de seus integrantes, das famílias que auxiliavam nos preparativos e, principalmente, mais perto de seu local de vivências. O que me leva ousadamente a afirmar que a comunidade não fazia a festa para a igreja, apesar de muitos integrantes serem católicos fervorosos, mas para a própria comunidade que agora podia aproveitar a festa até o fim e estar fisicamente preparada para as apresentações que se repetiam no dia seguinte (domingo).

Os desfiles do Terno de Reis *Humildes em Alegrias* tiveram início através de um desejo pessoal de dona Maria Bernardina, que em depoimento concedido a Nelson Araújo, e transcrito no livro *Pequenos Mundos*, afirma que através de um sonho, teve a revelação de uma adoração desenvolvida ao menino Jesus, acreditou, portanto, que a sua missão fosse a manutenção desta representação, o que a fez organizar um grupo de Terno de Reis que fora intitulado de *Humildes em Alegrias*.

A partir de então dona Bernarda consegue reunir as senhoras da rua da Alegria para fazerem uma apresentação de Terno de Reis, a primeira apresentação do grupo ocorreu em finais da década de 1960, com a participação de cerca de quinze ou dezesseis senhoras do bairro. No entanto, a comunidade passa a perceber aquele festejo como um momento talvez de integração, como uma maneira de coletivamente organizarem-se e de participarem também da vida social da cidade. A partir de então a festa não mais se limita a um grupo de senhoras, pois jovens e

crianças passam a fazer parte das apresentações, o que leva D. Bernarda a organizar alas específicas para o desfile destes.

Angariar fundos era algo extremamente necessário, uma vez que a maioria dos integrantes do grupo sequer conseguiam custear suas próprias despesas com indumentária, o que tornava necessário desenvolver estratégias de obtenção de recursos. É muito interessante a forma como isto se desenvolvia, me encantou saber que dona Bernarda organizava leilões para angariar fundos, confesso no entanto que fiquei confusa, pois não entendia de onde provinham recursos para compra de objetos que pudessem ser leiloados; minha surpresa e admiração cresceram ao descobrir a partir de conversas informais com os moradores do bairro que estes leilões tinham como prêmio um abacaxi enfeitado, um sabonete decorado, dentre outros objetos de valor econômico irrisório. Lembro-se de que ao perceber a minha feição de surpresa eles me pediram que eu imaginasse qual era o objeto mais desejado do leilão, o que me levou a pensar novamente em valores econômicos, perspectiva que logo foi desfeita ao saber que o objeto de desejo do leilão era um frango assado com farofa. Pude perceber que os valores simbólicos superavam os valores econômicos e que a participação no leilão era mais um momento de integração da comunidade proporcionado por Dona Bernarda, que ao arrecadar rendimentos para os desfiles do grupo também divertia e animava os moradores do bairro.

Nesta perspectiva percebemos que tempo, espaço e saberes mantêm-se numa constante inter-relação, o que possibilita a construção permanente de modos de vida típicos de uma localidade, típicos porque fazem sentido quando relacionado ou percebidos em sua totalidade, abarcando toda teia de relações que possam perpassar pelas vivências dos indivíduos que compartilham modos de vida.

Na perspectiva de Déa Fenelon (FENELON, 1992), a história só ganha representatividade quando percebida, notada e analisada a partir das relações sociais. Não basta perceber que há mudanças, ou que elas existiram no passado, o necessário é perceber como as coisas mudam, e principalmente pensar em como operar mudanças sociais positivas, isso só é possível desenvolvendo-se uma História Social pautada na realidade e comprometida não apenas com o estudo pacífico desta, mas com a problematização dos elementos que a constituem. Não basta pensar na cultura enquanto um elemento da sociedade, ou como manifestações festivas, é preciso percebê-la enquanto espaço de tensão e de transformação social, não afastando desta perspectiva lutas político-sociais que integram o modo de vida de um grupo e que, portanto, também são constitutivos e constituintes de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nelson de. Pequenos Mundos: Um panorama da cultura popular da Bahia. Tomo I – O Recôncavo. Universidade Federal da Bahia (EMAC). Fundação Casa de Jorge Amado. S/D. p 199

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. Brasiliense, 6ª edição, São Paulo, 1994.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo? In HISTÓRIA E PERSPECTIVA, nº 6 – 1992 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. S/E. rio de Janeiro, Zahar Editores: 1979.